

## AS ESTRUTURAS SOCIAIS E A MULHER ESCRITORA: UMA LUTA SILENCIOSA PELO EMPODERAMENTO FEMININO

ANDRESSA AMARAL DOS SANTOS<sup>1</sup>; ROBINSON SANTOS PINHEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – dessapel95@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - UFPel – robinson22pinheiro@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

A ideia principal do presente trabalho é fomentar a discussão acerca do modo de estruturação social, anterior e posterior ao século XIX, no que diz respeito ao lugar das mulheres letradas na sociedade e no mercado de trabalho.

No período até meados do século XIX, em praticamente qualquer território no mundo, a sociedade que se via sempre em contradições e conflitos de interesses políticos e econômicos, tinha algo em comum: mulheres deveriam apenas se preocupar em casar e dar filhos, de preferência homens, ao seu marido, e cuidar bem da casa. Essa exigência transpassava as classes sociais, porém as negras, em grande maioria escravas e suas descendentes não eram exigidas dessa maneira. Estas deveriam servir a seus senhorios.

A educação das mulheres, nessa época, se restringia a atividades que fossem úteis no ambiente doméstico, como costurar, aprender música ou desenvolver habilidades artísticas e aos homens cabia aprender os ofícios que possuíam valor econômico.

Num contexto de crítica ao espaço “arquitetado” para as mulheres, surge a luta feminista, que, em seu primeiro momento, na segunda metade do século XIX, buscavam direitos democráticos como o direito ao voto, divórcio, educação e trabalho.

Ao longo do tempo, houve alguns avanços, porém, as mulheres ainda tinham muitas dificuldades e eram descredibilizadas dentro da sociedade. Nesse sentido, as mulheres dificilmente conseguiam exercer uma profissão mesmo que estudassem para fazê-lo. A escrita, que já não era algo de grande valor na sociedade, mostrava-se um campo de difícil acesso para meninas que o quisessem fazê-lo.

É o caso das irmãs Brontë: Anne, Charlotte e Emily, britânicas, que para realizarem o sonho de serem escritoras, tiveram de assumir os pseudônimos masculinos Acton Bell, Currer Bell e Ellis Bell, respectivamente. Segundo Constantin Héger, professor de Charlotte e Emily em Bruxelas, Emily deveria ter sido um homem, um grande navegador, pois ela possuía boa cabeça para a lógica e uma capacidade de debate rara para um homem e ainda mais para numa mulher (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2017).

No Brasil, bem como na Europa, as mulheres lutavam por seu lugar dentro da escrita, como veremos a seguir, sendo que somente o fato de querer fazê-lo já demonstrava, e ainda demonstra, que independentemente do gênero textual impresso em suas escritas, elas buscavam pelo empoderamento feminino, como podemos ver nesse trecho da obra Escritoras brasileiras do século XIX de Zahidé Muzart (1999, apud DUARTE, 2003, p. 153):

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente.

A partir disso, foram selecionadas duas autoras brasileiras que romperam as barreiras do machismo em sua época, e que, até hoje exercem grande influência sobre outras mulheres, escritoras ou não, e sobre a sociedade como um todo.

## 2. METODOLOGIA

Para a elaboração do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa caracterizada como teórica de base bibliográfica em sites, artigos, dissertações e teses acerca da temática abordada. Foi realizada a leitura do material pertinente e feita uma análise das diferenças socioeconômicas e culturais das duas autoras trabalhadas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus era filha de pais negros analfabetos que viviam em uma comunidade rural na cidade de Sacramento. Ela era mineira e nasceu em 1914. Aos sete anos, começou a frequentar a escola depois que a esposa de um rico fazendeiro decidiu pagar seus estudos. Parou de frequentar a escola no segundo ano, mas aprendeu a ler e a escrever.

Em 1937, ela foi para São Paulo. Ela saía todas as noites para coletar papel, a fim de conseguir dinheiro para sustentar a família. Quando encontrava cadernos antigos, guardava-os para escrever, somando mais de vinte cadernos escritos por ela.

Em 1947, aos 33 anos, Carolina instalou-se na favela do Canindé. Em 1958, conheceu Audálio Dantas, jornalista, a quem ela mostrou seus escritos. Ele pediu uma amostra e levou para o jornal em que trabalhava. Em 1960, *Quarto de Despejo*, foi publicado. Após o lançamento, seguiram-se três edições, com um total de 100 mil exemplares vendidos, tradução para 13 idiomas e vendas em mais de 40 países (CENTENÁRIOS NEGROS, 2014).

Este retratava um sistema cruel e corrupto reforçado durante séculos por ideais colonizadores presentes nas dinâmicas sociais da população, em que o Estado não atuava da maneira correta para reparar tais erros. Ela escrevia sobre como a pobreza e o desespero podem levar pessoas boas a traír seus princípios para conseguir comida para si e suas famílias.

Com a publicação de seu diário, despertou o desprezo e a hostilidade de seus vizinhos. Chamavam-na de prostituta negra, muitas pessoas jogavam pedras e penicos cheios nela e em seus filhos. Teve vários envolvimentos amorosos quando jovem, mas sempre se recusou a casar-se por ter presenciado muitos casos de violência doméstica. Preferiu permanecer solteira (FERREIRA, 2016).

Escreveu e publicou alguns livros após *Quarto de Despejo*, porém sem muito sucesso. Carolina Maria de Jesus morreu em 13 de fevereiro de 1977, vítima de insuficiência respiratória.

### 3.2 Rachel de Queiroz

Nascida em Fortaleza no ano de 1910, era filha de aristocratas. Em 1925 concluiu o curso normal no Colégio da Imaculada Conceição. Aos dezenove anos, ficou nacionalmente conhecida ao publicar *O Quinze* (1927), romance que mostra a luta do povo nordestino contra a seca e a miséria. Demonstrando preocupação com questões sociais e hábil na análise psicológica de seus personagens, destacou-se no desenvolvimento do romance nordestino (VILARINHO, 2016).

Se interessou em política social em 1928-1929 ao ingressar no que restava do Bloco Operário Camponês em Fortaleza, formando o primeiro núcleo do Partido

Comunista Brasileiro. Em 1933 começa a dissentir da direção e se aproxima de Lívio Xavier e de seu grupo em São Paulo, lá indo morar até 1934. Milita então com Aristides Lobo, Plínio Mello, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, se filiando ao sindicato dos professores de ensino livre, controlado naquele tempo pelos trotskistas.

Depois, viaja para o norte em 1934, tendo sido presa em 1937, em Fortaleza, acusada de ser comunista. Exemplares de seus romances foram queimados. Liberta, vai para o Rio de Janeiro em 1939. Em 1964, apoiou a ditadura militar que se instalou no Brasil. Integrou o Conselho Federal de Cultura e o diretório nacional da ARENA, partido político de sustentação do regime (HOLLANDA, 2005).

Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, sendo a quinta ocupante da cadeira 5. Em 1993, foi a primeira mulher galardoada com o Prêmio Camões. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1994, na ocasião do centenário da instituição.

Morreu em 4 de novembro de 2003, vítima de problemas cardíacos, no seu apartamento no Rio de Janeiro.

A obra – e a vida – de Rachel de Queiroz figuram como índices precisos, espécie de marcos ou emblemas do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX. Esta poderia ser apenas mais uma surrada frase de efeito, caso o Brasil não fosse um país onde boa parte das mulheres, dos negros, dos índios e dos pobres em geral convive com a ausência dos requisitos mínimos para o exercício da cidadania, e onde se constata facilmente que esse processo de emancipação ainda está longe de se concluir. O fato de a maioria social da mulher – e de todos os excluídos – ser entre os brasileiros pouco menos que uma utopia dá à obra de Rachel de Queiroz, e também à sua vida, o preciso relevo de fenômeno cuja caminhada teve seus passos acertados com o relógio da História. (DUARTE, apud DUARTE, 2003, 163)

#### 4. CONCLUSÕES

Com os escritos até aqui, pode-se observar que a sociedade, mesmo com pequenos avanços, se estrutura de tal modo que dificulta o acesso das mulheres em certos ambientes e profissões. Por conta disso, a luta das mulheres por seus direitos perpassa as revoluções e manifestações de rua, mas também está inserida no seu dia-a-dia em pequenas situações, como no caso da busca do lugar da mulher escritora.

A escrita, como profissão, neste trabalho, foi escolhida como foco de análise por ser uma profissão majoritariamente masculina justamente por ser um meio de liberação tanto para quem lê quanto para quem escreve. E a sociedade patriarcal não deseja libertar as mulheres de seus temores, muito menos empoderá-las.

No decorrer deste trabalho, é possível levantar diversas questões como: Onde viviam essas duas mulheres escritoras? Possuíam uma territorialidade? Um lugar? Qual a sua identidade? Pois bem, estas são questões que demonstram a falha social com essas mulheres. Vindas de contextos tão diferentes, uma com condições de pagar seus estudos e viver somente da escrita, outra que precisa catar material reciclável para complementar a renda e para ter papel para escrever, uma pôde pensar politicamente outra precisava alimentar os filhos, porém as duas, cada uma a sua maneira, torturadas pelo Estado.

O Estado e a sociedade são falhos e cruéis com todos – com exceção dos homens ricos – homens também, porém para esses as mulheres são invisíveis, para as mulheres nem a classe social é capaz de lhe legitimar mais do que a um homem. Mas, mesmo assim, perseveram e lutam, mesmo que em silêncio pelos seus

territórios, pelos seus lugares, pelas suas identidades e pelas suas vidas, mas não contra alguém.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia Brasileira de Letras. **Rachel de Queiroz**. Quinta ocupante da Cadeira 5. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz>>. Acesso em: 30 jun 2017.

Academia Cearense de Letras. **Rachel de Queiroz**. Ocupante da Cadeira 32. Disponível em: <<http://www.academiacearensedeletras.org.br/membro.php?mem=186>>. Acesso em: 30 jun 2017.

ANASTÁCIO, Vanda. **"Mulheres varonis e interesses domésticos"**: reflexões acerca do discurso produzido pela história literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX". In Colóquio Literatura e História: Para Uma Prática Interdisciplinar, 1, Lisboa, 2005: Universidade Aberta, p. 427-445. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/330>>. Acesso em: 30 jun 2017.

**Centenários Negros – Carolina de Jesus**. Fundação Cultural Palmares. 13 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=31849>>. Acesso em: 22 jun 2017.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Universidade de São Paulo - USP: Estudos Avançados v. 17, n. 49 (2003). Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>>. Acesso em: 30 jun 2017.

Encyclopedia Britannica. **Emily Brontë: BRITISH AUTHOR**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Emily-Bronte>> Acesso em: 30 jun de 2017.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Carolina Maria de Jesus, da favela para o mundo**. Jornal da USP, São Paulo: 2016. Disponível em: <http://jornal.usp.br/actualidades/carolina-maria-de-jesus-da-favela-para-o-mundo/>. Acesso em: 30 jun 2017.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Rachel de Queroz**. Agir Editora, 2005. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/rachel-de-queiroz/>. Acesso em: 22 jun 2017.

Planeta Educação. **A situação das mulheres no século XIX**. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=203>> Acesso em: 30 jun 2017. Depoimentos traduzidos do site educacional Spartacus (<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/women.htm>)

Portal Brasil. **Conheça as principais lutas e conquistas das mulheres**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/conheca-as-principais-lutas-e-conquistas-das-mulheres>>. Acesso em: 30 jun 2017.

VALEK, Aline. **Carolina Maria de Jesus, a catadora de lettras**. Carta Capital, 15 de março de 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/carolina-maria-de-jesus-a-catadora-de-lettras>>. Acesso em: 22 jun 2017.

VILARINHO, Sabrina. **Rachel de Queiroz**. Brasil Escola, 2016. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/literatura/rachel-queiroz.htm>>. Acesso em: 30 jun 2017.